



Eu Caminharei pelas Ruas Novamente

João Carlos Ribeiro Jr.

Bacharel em Ciências Sociais e mestrando em Teoria
Literária e Literatura Comparada na FFLCH-USP

Quando a embarcação aportou em Havana, fazia dois meses que eu não me divertia de verdade e decidi aproveitar todas as 24 horas fora do *King of the Sea Cruiser*. Eu tinha consciência de que estava em um país socialista, contudo, não posso negar, sabia pouco sobre isso. Queria terra firme e músicas caribenhas, quiçá companhia, já que me virava bem em espanhol e tinha o inglês afiado em escolas de idioma. Fui direto para o bairro de Havana Velha.

Cuba vivia o chamado período especial, época de aposta no turismo e emagrecimento da população. Na rua, fui abordado muitas vezes. Pediam coisas, insistiam. Eu tinha familiaridade com isso e estava levemente eufórico, não me incomodei. Ao passar por um hotel com uma família escandinava na porta, ouvi uma canção que procurava.

Entrei em um saguão grande, com um bar no meio. No canto oposto à porta de entrada, um piano brilhante sobre um chão de mármore. À sua frente, um gordo barbudo, que parecia ter uma haste de ferro no lugar da coluna, conduzia o som. Endireitei minhas costas quando o vi, admirado. Uma moça delgada tocava um contrabaixo; um cantor, e ótimo dançarino, dominava o violão; uma mulher com cabelos trançados em vigorosas réstias fazia uma suave percussão.

Cheguei ao bar e pedi uma cerveja. Uma garota encostou-se ao balcão e me perguntou em inglês de onde eu era. Brasil, respondi forçando o “s” e o “l” para soar *hispano-hablante*. O sorriso se alargou e conversamos sobre novelas. Ao fim do espetáculo, num ímpeto de cortesia, quis agradecer aos músicos (cantaram duas canções brasileiras, uma de Tom Jobim e outra de Dorival Caymmi) e parabenizá-los pelo *show*. Que bom, o violonista me disse amavelmente, uma bebida não expressaria bem essa gratidão? Eu disse que sim, claro. Éramos bastante parecidos.

O preço do que pediram (um troço chamado *el negrón*) era absurdo. Tive que explicar, constrangido, que não era um turista comum. Trabalhava num cruzeiro, tinha apenas um dia para conhecer a cidade e não queria gastar toda a minha grana. A moça do sorriso largo sugeriu que fôssemos a outro lugar. Partimos todos de Havana Velha para o Centro.

Era fim de tarde, mas o dia ainda estava bastante claro. As ruas cheias, sobretudo de crianças. São as férias escolares, me disse a contraabaixista, que coincidem com as férias de várias categorias, completou o pianista. Poucos carros. Faltava gasolina.

No bar aonde me levaram, o cara do balcão me perguntou de que país eu era. Respondi. Conversamos sobre a Copa do ano seguinte, que seria na França, e fiz uma aposta que nunca pude pagar. Não tinha cerveja, bebi rum. Dancei e fiz mais amigos. Éramos parecidos. O pianista gesticulava quando defendia ideias e a moça do sorriso, que se chamava Lorena, estava obviamente a fim de mim. Quando ela percebeu que o cara do bar inflacionava o preço dos meus pedidos, defendeu-me violentamente. Os sons, as conversas entrecortadas, a aproximação gradual de Lorena e a familiaridade com tudo em tão pouco tempo me magnetizavam. Eu me sentia um cara de sorte.

*

Acordei na casa de Lorena com o olho esquerdo roxo e pouquíssimo dinheiro. Ela me disse que eu tinha pagado a conta do grupo e que o dinheiro por ter dormido na cama dela já tinha sido confiscado. O olho roxo tinha a ver com uma discussão sobre *rock-'n'-roll*. Alguém se exaltou sobre mim. A manhã já tinha sido atravessada pelo sono, ela me convidou para almoçar. Aceitei, mas antes pedi um café preto e detalhes do que eu não lembrava. Não adiantou muito.

A casa de Lorena era um quarto e cozinha minúsculo no fundo do primeiro andar de um edifício antigo. Tinha uma cadeira de balanço velha, deliciosa. No caminho até a rua, passamos por dentro de outras duas moradias e me equilibrei em uma escada de madeira barulhosa de degraus estreitos. Fomos até uma amiga que vendia refeições pela janela da sala. Os clientes comiam na rua, em pé. Fui apresentado como um amigo brasileiro de férias e a mesa da cozinha nos foi oferecida. No cardápio: carne de porco assada e bananas fritas fatiadas. Achei engraçado eles chamarem arroz com feijão de *moros y cristianos*.

Meu estômago estava frágil e a cabeça doía, tive de me esforçar para conversar. Notei que os cubanos eram bastante educados porque falavam devagar comigo. A dona da casa queria saber sobre o ensino brasileiro (ela trabalhava numa escola, as refeições davam uma renda extra). O marido me perguntou se o Brasil era um país violento de verdade. Respondi que sim, curto e sem nuances. Ele quis saber sobre o olho roxo. É uma lembrança da noite anterior, mas não sei quem me deu.

O garoto, filho dos dois, riu (talvez do meu espanhol). Eu puxei o futebol ao assunto e ele me disse que jogava às vezes, mas que seu esporte predileto era outro. Ouviu atentamente quando expliquei por que tinha largado meu recém-emprego em um banco privado para me instalar durante seis meses em um navio. Em toda temporada, teria direito a três folgas externas, uma delas precisamente a que desfrutava com eles. Carlos, o marido, me perguntou quanto eu ganharia, em dólares, e mostrou interesse. Sua mulher insinuou gostar da ideia de tê-lo fora por um semestre. Eram bem-humorados, pareciam meus amigos. O garoto virou-se para mim: Conheço um brasileiro, o velho da Oquendo.

Esse era o nome que as crianças deram a ele recentemente, disse-me a mãe. Deve estar um pouco acima dos cinquenta anos, não muito mais. Sua aparência é que está ruim. Veio para Cuba no início dos 70 e dizem que era amigo de Fidel. Seu marido interveio: Era sim! Quando ele chegou, correu a notícia de que um amigo brasileiro de Fidel moraria um tempo na Oquendo. Nunca quis voltar a seu país, nem depois da abertura, e só sai de casa para buscar mantimentos na venda da mesma rua, ou seja, faz mais de duas décadas que o homem não sai do quarteirão. Antigamente recebia muitas visitas, mas escassearam. Consulta-se com um psiquiatra. Dizem que quando Fidel ou Raul aparecem, chegam disfarçados.

Ouvi toda a história do velho louco da Oquendo, os diálogos que travava na rua e alguns chistes que contava (repetidas vezes) às crianças. Na minha cabeça, além da dor latejante, a preocupação: como me reapresentar no trabalho com o olho roxo? Eram cinco da tarde quando decidi retornar. Paguei o almoço. Carlos era taxista e disse que me levaria ao porto. Como consegue gasolina? Não preciso, respondeu. Na rua, conheci seu bicitáxi, uma bicicleta adaptada com dois bancos traseiros e uma cobertura de lona.

Lorena passou todo o almoço agarrada ao meu braço, ganhei muitos beijos inesperados. De cara, toda a cena me pareceu algo desagradável (eu ainda estava com a cabeça sensível e o estômago frágil), mas a despedida dramática que seguiu ao almoço me comoveu. Recebi um abraço que mereceu resposta intensa. Fiquei sem jeito e disse, baixinho, que voltaria, entre confuso e vitorioso. Carlos me elogiou no bicitáxi: Homem, você tem alguma coisa especial, já vi essa aí com outros, mas nunca agindo assim. São as novelas brasileiras, respondi.

De volta ao *King*, tive a boa notícia de que a saída tinha sido adiada para a manhã seguinte. Decidi que escreveria uma carta para minha mãe, outra para meu pai. Para minha irmã: um cartão-postal. Depois, me trancaria no quarto com um balde de gelo até diminuir a oxidação e o inchaço no olho.

Raramente escrevo cartas, por isso me demorei nestas. Como sabia que meus pais leriam ambas, talvez em voz alta, fiz o maior esforço para uma não parecer melhor do que a outra. Eles ficaram aterrados com meu plano de embarcar: boas cartas eram o mínimo. Nestas, não mencionei o olho roxo. O cartão da minha irmã seria mais simples, mas não consegui. Tive que escrever numa letra minúscula para caber tudo. Se tivesse espaço, escreveria mais. O motivo era Lorena. Eu a descrevi em tantos detalhes que por fim não sabia se rememorava ou criava.

Comprei uma garrafa de rum depois de postar as cartas e me protegi em meu cubículo com um saco de gelo no olho esquerdo e um *walkman* da Sony nos ouvidos. Anotei em meu caderno que precisava comprar discos do Pablo Milanés (uma composição sua ficara registrada na memória). Como o cansaço não ajudava a dormir, me dediquei integralmente a pensar em Lorena. Como teria sido a noite? Houve uma noite? O que aconteceu? Nada vinha. Meu olho esquerdo estava grotesco, deve ter doído de verdade.

O cozinheiro mato-grossense, um dos poucos que me procurava para conversar, bateu no meu quartinho umas dez da noite e se assustou com a minha cara. Quero dormir, falei, mas está impossível. Perguntou sobre meu olho. Eu disse que não me lembrava muito bem. Ele saiu e avisou ao meu chefe que eu estava passando mal e que me levaria à enfermaria. Na volta, falou sobre política e me desenhou verbalmente um mapa social latino-americano. Evitei demonstrar que aprendia coisas novas, não sei por quê.

*

A notícia que preencheu a manhã: o navio ficaria mais um dia no porto. Falou-se do atraso de um carregamento de não sei o quê e de um passageiro desaparecido. Um homem eloquente, que tive a sorte de estar perto enquanto discorria, garantiu que o problema verdadeiro era o terrorismo ianque. A audácia dos exilados de Miami atingia níveis drásticos. Estavam determinados a destruir o turismo da ilha, boia de salvação depois do naufrágio soviético. Sugeriu à sua plateia que esperasse a normalização fora do navio, era mais seguro. Pra mim foi perfeito. Antes que o pavor se espalhasse, consegui um par de óculos escuros por cinco dólares, disfarcei a roxura e fui atrás de Lorena. Queria memória na imaginação.

Meu bolso estava reciclado com a ida ao quartinho e resolvi pegar um táxi de verdade. Como não tinha direção, pedi ao motorista que me levasse à Oquendo, lá decidiria onde saltar. A rua não é pequena, ele a atravessou quatro vezes e ficou desconfiado. Pedi que circulasse pelas laterais, nada familiar me apareceu. Rodamos e rodamos, vasculhei todas as portas e janelas. Voltamos à Oquendo e descí. Andei e perguntei a toda gente por Lorena. Ninguém. Passei a perguntar por um microrrestaurante de uma mulher que trabalhava numa escola e era casada com um bicitaxista, tinham um filho de uns dez anos. Nada.

Sentei-me numa calçada com sombra, o sol já começava a castigar. Desejei uma cerveja. Não havia comércio, só uma pequena tenda de mantimentos na esquina e um homem com um carrinho de pedreiro cheio de bananas no outro quarteirão. Ajeitei meus óculos escuros e fiquei ensaiando o que diria a Lorena. Imaginei o que faríamos. Elaborei planos. Fantasiei. Delirei. Incomodado com a roupa pesada, amaldiçoei o calor. Eu não queria estar sujo com Lorena. Fiquei nervoso. Invejei os garotos com suas bermudas até o joelho e camisas regatas. Um senhor de chinelos trocados parou

na minha frente. Amaldiçoei as meias de algodão e os sapatos de couro. Seus olhos cravados em mim. Cumprimentei-o: Bom dia. Sua surpresa foi imediata: *É brasileiro?* Eu estava diante do velho da Oquendo.

Respondi que sim, de São Paulo, e me levantei para cumprimentá-lo. Ele me devolveu: O que está fazendo aqui, seu bosta? Violento e com o olhar apertado, seguiu me xingando. Deu um tapa no meu peito e refez a pergunta: O que faz aqui? Perdi a voz, menos pela pancada do que pela situação. Tentei me afastar, mas ele gritava e golpeava meu peito. Falava português e espanhol, dizia coisas incompreensíveis nas duas línguas. E me atacava. Quem passava, parou para olhar. Embora fosse envelhecido e frágil, bastante magro, não me envergonho em admitir, pensei em meu olho roxo e tive medo.

Um senhor negro de cabelos brancos e braços fortes saiu de uma porta frontal, do outro lado da rua, e veio até a confusão. Virou sobre o velho da Oquendo para acalmá-lo depois que viu minha expressão de assombro. Eu tinha me assustado de verdade. Suas mãos apertaram os ombros magros do velho irascível, que falava coisas como polícia, perseguição, agente, filho da puta, Fleury. O senhor negro dizia confusão, equívoco, covarde, calma, coincidência e pobre-coitado.

O velho saiu praguejando até a porta frontal. O senhor negro pegou a sacola que ele largara no chão, pediu que eu esperasse e as levou para dentro. Quando voltou, me inquiriu. Expliquei.

Ele me disse que não conhecia nenhuma Lorena e me pediu desculpas pelo velho, que se chamava Jorge e que tinha lembranças pessoais tão dolorosas quanto insistentes. Pediu, contudo, que eu entrasse para desfazer o tumultuoso mal entendido.

*

Sua casa era bem pequena e naturalmente bagunçada. A cozinha estreita e a pia minúscula. Sobre ela, um prato vazio e um garfo. Na sala havia três cadeiras, uma mesa encostada no azul suave da parede, um móvel pequeno com uma tevê de 14 polegadas e livros no lado oposto.

O velho da Oquendo estava calmo, mas não me pediu desculpas. Perguntou se eu queria uma água com açúcar, preferi só água. Um amigo tinha levado café brasileiro para ele, quis o meu sem açúcar também. Falei do cruzeiro, de como pretendia levantar uns

trocados, do meu dia de folga e que agora procurava por uma cubana que morava nas redondezas. Ele me disse que eu era um imbecil por correr atrás de cubanas desconhecidas e andar sem passaporte.

Mostrei minha credencial do *King*, embora já parecesse evidente que eu não era policial ou agente. Conversamos. O senhor negro se chamava Fernando e me explicou o período especial pelo qual o país passava. Falou sobre a revolução, sobre Fidel e Raul. Sobre Che e heroísmo. Sobre Camilo e carisma. Sobre o imperialismo e Miami. Filhos da puta e terrorismo. Sacrifício e triunfo, futebol e beisebol. Achei tudo muito diferente. Eu falei sobre consumo, amor e sebastianismo: me senti meio babaca. O velho, agora Jorge, falou sobre exílio e violência, sobre Brasil e Cuba, sobre saudade e conforto, sobre experiência e imaginação.

Na escuridão da sua casa, eu dispensara os óculos. Jorge me perguntou o que havia acontecido com meu olho roxo. Respondi estoicamente que não lembrava, só sabia que era obra de um cubano e de uma bebedeira. Ele disse que eu era um cara de sorte, que se eu pudesse aprimorar essa capacidade de sublimar a porrada, que fizesse isso. Vai te ser útil para a vida inteira.